

Jornalismo e Educação: Um Estudo de Caso da Mostra “Nossa História Daria Um Filme” Nas Escolas¹

Morgana Kelly Serafim CHAVES²

Rosana Maria Ribeiro BORGES³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Por meio do presente estudo buscou-se analisar a Mostra Nossa História Daria um Filme nas Escolas à luz de conceitos que abarcam a Educação, a Comunicação e o Jornalismo. Essa ocorreu no ano de 2014 e objetivou realizar sessões de recepção dos documentários elaborados na série televisiva *Nossa História Daria um Filme*, que são documentários que abordam a história de Goiânia e de seus bairros na visão de seus moradores. A Mostra foi produzida pela TV UFG em co-parceria com o Laboratório de Produções Audiovisuais e Televisivas Integradas (Telelab) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Especificamente, por meio de um estudo de caso, investigou-se se a Mostra poderia ser vista como uma vertente que incide a educação e que traz a proposta do jornalismo educacional e do jornalismo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação; jornalismo.

1. COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E EDUCAÇÃO

Os campos da Comunicação, do Jornalismo e da Educação exigem uma busca por compreender o que eles têm em comum e o que eles podem exercer estando unidos ou não. Em todos eles há o fornecimento de conhecimento, com variações apenas na forma de se visualizar os mesmos. Todos criam, produzem e conduzem o comportamento das pessoas – alguns de modo mais incisivo, outros menos, mas todos têm influência na forma de agir, reagir e comportar daqueles a quem são destinados. Logo, deve-se defrontar com o tamanho

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Bacharel em Jornalismo pelo Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, email: mkellysc@gmail.com

³ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Geografia, Mestre em Educação e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Radialismo, email: rosana_borges@ufg.br

da responsabilidade daqueles que produzem o conhecimento diariamente seja pelos veículos de comunicação ou por meio de ensino escolar.

A educação e a comunicação são palavras que movimentam discussões e aprimoram novas formas de consciência do cotidiano do ser humano. Segundo Brandão (2007, p. 10), “a educação é [...] uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (Grifos do autor). De fato, o comportamento do ser humano sempre foi alvo de estudos e seria a existência desses termos citados que geraria um excessivo remanejamento nas formas de interação social. A comunicação seria uma das áreas que abarca também reflexões sobre isso, pois “a comunicação não existe por si mesma como algo separado da vida da sociedade” (BORDENAVE, 1982, p. 16).

Por meio desse estudo investigou-se como o Jornalismo, que seria uma vertente da Comunicação, também pode estar aliado à Educação de diversas maneiras. Não seria novidade a importância da utilização do Jornalismo para a Educação, tanto ele visualizado como um dos lados da comunicação, isso por meio de medidas, como uma nova comunicação pedagógica entre os professores e os estudantes, ou como influência na mídia para a retratação da educação por meio da informação. Todavia, houve um novo questionamento no presente estudo de caso: a atuação do jornalista em sala de aula.

Traquina (2005, p. 19) afirma que o Jornalismo “[...] é a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia”. Portanto, um dos tratamentos que o ser humano atualmente pode desenvolver para a busca do conhecimento, se fundamenta também por meio do Jornalismo. Vê-se que essa área do conhecimento está intrinsecamente aliada ao estudo e esse também está à Educação. Segundo Leane (2008, p. 84), esses raciocínios “tratam-se, antes, de tentativas de compreensão de modos de olhar o mundo, o jornalismo, a educação e suas relações, permeados por outras instâncias e vozes”.

Diante disso, existem inúmeros autores cujos estudos estão focados nas áreas da Comunicação, do Jornalismo e da Educação, sendo que as ligações que abarcam esses vocábulos são diversas. Todavia, é interessante perceber a variedade de sua ocorrência na vida e no mundo cotidiano, o que pode ser considerado um elemento unificador. Para Brandão (2007, p. 13), “A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra”. Enquanto a comunicação, para Bordenave (1982), possui como elementos instituidores a realidade, os sujeitos, os conteúdos as formas e os meios, constituindo-se em produção social de

sentidos. Kenski (2008, p. 650), conclui esse raciocínio, quando ressalta que “há proximidade de fato entre educação e comunicação. Essa aproximação é mais ampliada ainda pela forma como ambas são requisitadas no atual momento da sociedade”.

Ainda de acordo com Kenski (2008, p. 649), “a relação biunívoca em que se entrelaçam educação e comunicação engloba os mais diferenciados assuntos, concepções e linhas teóricas, práticas, sujeitos, tempos e processos formais e não-formais conscientes e determinados, ou nem tanto assim”. Logo, o campo do Jornalismo pode ser trabalhado de maneira diferenciada de forma a dar sustentabilidade ao seu caráter de vertente da Comunicação, em afinidade com a Educação e, devido a isso, ele pode relacionar-se com essa área.

Brandão (2007), na obra “O que é educação”, apresenta inúmeras conceituações que abordam a educação como prática similar à comunicação social e a outros fatores da vida organizada por normas coletivas. Para ele, “A educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação” (BRANDÃO, 2007, p. 73-74). Nesse argumento, pode-se pensar o jornalismo como parte integrante do universo comunicacional e que esse pode também ser um novo tipo de apreensão ou extensão de formação, pois os muitos vínculos entre educação, comunicação e o jornalismo fundamentam a construção de novos conhecimentos.

Observar o jornalismo como uma nova porta de contribuição para a educação poderia ser o mesmo que entender que “[...] a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto” (BRANDÃO, 2007, p. 99). Assim, um novo tipo de educação pode emergir da união de algumas partes propícias do jornalismo ao auxílio dessa área. A necessidade dessa discussão e de aprofundamento proveniente de uma concepção de uma possível extensão educativa na comunicação, que seria vista no jornalismo, se vê quando não se deixa extinguir as muitas funções que o jornalismo pode desenvolver. “[...] Não discutir a possibilidade de o jornalismo propiciar uma atividade educativa é permanecer atrelando-o a uma única visão. Creio que esta, sim, seria uma concepção dogmática e estagnante para a atividade jornalística” (LEANE, 2008, p. 83).

A visibilidade e conscientização quanto às mudanças nos fenômenos cotidianos procedem pensamentos que buscam a valorização, iniciação e concretização de estímulos aos processos de aprendizagem que podem ser novos ou modificados. Observa-se, portanto,

que a educação pode ser vista como [...] “comunicação, e diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, e diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46).

Logo, existe a ocasião em que se pensa sobre a função social do jornalismo, que, pertencente à área da comunicação social, pode existir como um importante meio de diálogo entre os indivíduos, afinal, [...] “é possível, também, atribuir ao jornalista o papel de mediador. A mediação em uma sociedade democrática é, na verdade, a tarefa de facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade” (KUNCZKI, 2002, p. 98). Leane (2008, p. 85) complementa esse pensamento ao dizer que:

O caminho deste questionamento é o de apontar a necessidade do jornalismo visualizar e assumir sua dimensão educativa intrínseca, mesmo que ainda não estejam desvendadas todas as variáveis que mediam esse processo. Ainda há muito a se discutir sobre forma e conteúdos dessa educação, porém já não cabe mais questionar sua existência e, conseqüentemente, as responsabilidades inerentes dessa relação.

Portanto, não seria uma inovação o uso do jornalismo para promover a educação. Vê-se isso, no emprego dele para influenciar a mídia na retratação da educação que seria “a proposta do jornalismo educacional, compreendendo suas distintas práticas e certificando o seu papel de visibilizar e conscientizar de modo relevante para o conhecimento da sociedade [...] o desenvolvimento de políticas públicas [...]” (MONTEIRO, GONÇALVES, 2000, p. 2), ou como uma nova forma de conhecimento em que o “[...] jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente” (MEDITSCH, 1997, p. 13).

Deve-se mencionar também o uso do jornalismo como vertente da comunicação. Isso pode ocorrer quando uma nova comunicação pedagógica entre os professores e os estudantes ou quando existem novas formas de se apreender por meio de tecnologias da comunicação, em que os aparatos tecnológicos podem ser utilizados como o jornalista utiliza, ou até mesmo quando o jornalista está em sala de aula e auxilia de alguma forma. Para Moraes (2013, p. 17), “[...] o olhar da instância jornalística submete os acontecimentos da vida social a uma maneira particular de exploração. Em um desses acontecimentos, a Educação, a aliança com o Jornalismo não é uma prática nova”.

Mediante a presente pesquisa analisa-se e fundamentam-se tais conceitos citados por meio de um estudo de caso da Mostra Nossa História Daria um Filme nas Escolas, que foi

uma exibição promovida dos videodocumentários da série Nossa História Daria um Filme, que registrou a história de Goiânia a partir de alguns de seus bairros representativos e de seus habitantes.

A necessidade de investigar como o Jornalismo e a Educação podem estar ligados e conseguem ser utilizados como um benefício que prioriza o aumento do saber, não somente da comunidade acadêmica, como também da comunidade estudantil de ensino médio e a sociedade em geral, surgiu por meio da Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas. Logo, ressalta-se a importância de iniciativas de projetos de extensão como a série televisiva Nossa História Daria um Filme, pois há contribuição para a narrativa da construção da capital de Goiás, com um envolvimento de pessoas pertencentes a essa realidade.

Assim o presente estudo, de abordagem qualitativa, “[...] tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno” (POLIT, BECKER; HUNGLER, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33). Esse é do tipo estudo de caso, em que para Gerhardt e Silveira (2009, p.39), esse pode ser considerado como “[...] um sistema educativo, [...]. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”. Logo, essa investigação pode ser diferenciada, pois existiu a procura de utilização de enfoques para a averiguação e observação das áreas descritas. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante, que gerou uma pesquisa participante que “caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40). Essa foi realizada no momento da Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas, bem como as análises de conteúdo e de discurso da significação dos estudantes que participaram do evento, sendo que essas foram feitas por meio de entrevistas que os mesmos concederam ao Laboratório de Produções Audiovisuais e Televisivas Integradas (Telelab) e à TV UFG ao final das exposições.

2. MOSTRA NOSSA HISTÓRIA DARIA UM FILME NAS ESCOLAS

A série, Nossa História Daria um Filme é composta por onze documentários, cada um com aproximadamente uma hora de duração, resultante de um Projeto do Telelab, do

Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) que, em 2012, foi aprovado no edital do Programa de Extensão Universitária (PROEXT), do Ministério da Educação, cuja execução foi realizada em co-produção com a Fundação Rádio e Televisão Educativa (RTVE) e com a TV UFG (Canal 14 UHF).

“Ninguém olha pro centro do país e a gente vai tentando ser feliz”, com essa frase da música “Centro-Oeste” de Nilton Rabello iniciam-se os videodocumentários da série Nossa História Daria um Filme. Essa frase remete resumidamente à essência dos documentários. A canção é uma mensagem de que existe a necessidade de um olhar ou um remanescente de observação para o centro do Brasil, um contemplar em que se deve afunilar para Goiás e cada vez mais nesse processo de afilamento reconhece-se Goiânia e a sua composição que são os seus bairros. Para fazer a reconstrução da história de Goiânia de forma diferenciada das que sempre foram vistas, fez-se essa mídia audiovisual que trouxe os relatos desenvolvidos pelos residentes (história oral) dessas regiões que fundamentam a disseminação de um passado que não foi reconhecido, seja por falta de recursos ou por convenções mal colocadas.

A contribuição da comunidade na construção da série foi verificada tanto na pré-produção, produção como também na pós-produção, pois foram realizados lançamentos com projeções em cada um dos bairros participantes, cuja escolha deu-se por seus aspectos peculiares que auxiliariam na representação das diferentes regiões da cidade. Esse resgate da história das comunidades goianienses se deu por meio da visão dos moradores, que pôde revelar tanto os problemas sociais quanto o sentimento que se tem em relação a sua existência em Goiânia.

Essa outra percepção da história da cidade foi aberta para todas as pessoas de Goiânia e o entorno por meio da TV UFG e foi possível assistir a série também pela TV Brasil que exibiu o episódio de abertura da série, ele conta a história da capital de forma geral, além de conter pequenas partes dos episódios específicos dos bairros. Atualmente existe a reexibição por meio do programa “Doc especial”, que reproduz documentários nacionais e internacionais sobre a cultura e fatos históricos de interesse mundial. Ressalta-se que existe a possibilidade de assistir a série também pela internet, pois, os vídeos estão disponíveis no canal da TV UFG no Youtube, especificamente no *site*: www.youtube.com/tvufgcanal14.

“Pelo exposto, é possível dizer então que ‘Nossa História Daria um Filme’ virou um filme, com muitos enredos, caminhos e perspectivas integradoras da extensão universitária, do ensino e da pesquisa” (BORGES, 2015, p. 210. Grifos da autora). Portanto, foram muitas as formas de disponibilização desse material e também existiram muitas propostas de ampliação e utilização da ideia e ideal em se promoveu esse projeto.

Uma das ideias foi feita por meio de um Cadastro de Ação de Extensão e/ou Cultura, em que a professora Rosana Maria Ribeiro Borges, decidiu iniciar um projeto intitulado: Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas, em que o início das atividades ocorreu no dia 22 de outubro de 2014 e foi previsto o encerramento das atividades no dia 12 de dezembro de 2014. Esse projeto foi cadastrado no Sistema de Informações de Extensão e Cultura (SIEC) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UFG, e apontou como grande área de conhecimento as Ciências Humanas e como áreas temáticas, primária e secundária a Comunicação e a Educação.

Uma equipe selecionada para o projeto sugeriu que o conhecimento produzido por meio da série de documentários teria uma repercussão intensa mediante a divulgação em escolas, pois o ambiente prioriza o saber e neste ato, o compromisso de exposição veemente seria efetuado. A exibição nas escolas tratou também de dar um retorno à comunidade do que foi produzido no nível de extensão universitária. A exibição dos documentários contou com uma equipe de bolsistas vinculados ao Telelab/FIC/UFG e com alguns profissionais da área de audiovisual da Fundação RTVE/TV UFG. A promoção do evento ocorreu por meio do Telelab e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UFG, sendo que a sua realização foi uma parceria entre o Telelab e a Fundação RTVE.

A idealizadora e coordenadora do projeto foi a professora Rosana Maria Ribeiro Borges, que esteve juntamente com a equipe de execução de docentes que foram os professores: Juarez Ferraz de Maia, Eguimar Felício Chaveiro e João Batista de Deus. A Equipe coordenadora da Fundação RTVE/TV UFG foi composta por Michael Valim e Vanessa Bandeira. E a equipe de execução foi composta pelos estudantes da UFG: Andressa da Silva, Érica Reis Jeffery Ferreira, Luiz Fernando Carvalho Silva, Morgana Kelly Serafim Chaves, Thainara Pedatella Silva, Natalia Lourenço Montalvão, Ana Paula Holzbach, Johan Pedro Pires e Fernando Viana Costa.

Com o grupo finalizado, o objetivo primordial foi promover um evento de extensão para a exibição dos documentários produzidos pala série em escolas das imediações abordadas. Esse estudo foi feito mediante um recorte que analisou as exposições que

aconteceram no Jardim Nova Esperança, no Jardim Novo Mundo, no Setor Pedro Ludovico, no Jardim Guanabara, na Vila Nova e na Vila União.

A exibição da Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas aconteceu em escolas municipais ou estaduais dos respectivos bairros que foram filmados para a série e foi visualizada por alunos de ensino médio, no ano de 2014, mais precisamente nos seguintes locais:

1. Colégio Estadual Bom Jesus, situado no Jardim Novo Mundo;
2. Escola Municipal Jardim Nova Esperança, situada no Jardim Nova Esperança;
3. Escola Municipal Frei Demétrio Zanqueta, situada no Setor Pedro Ludovico;
4. Colégio Estadual Santa Bernadete, situado na Vila Nova;
5. Escola Municipal Frei Nazareno Confaloni, situada na Vila União;
6. Colégio Lyceu de Goiânia, situado no Setor Central;
7. Colégio Estadual Jardim Guanabara, situado no Jardim Guanabara;
8. Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, situado no Setor Campinas.

Durante a Mostra foram realizadas sessões de recepção de episódios sobre alguns dos bairros que representam diferentes regiões da capital, quais sejam: Jardim Novo Mundo, Jardim Nova Esperança, Vila Nova, Setor Pedro Ludovico, Vila União, Jardim Guanabara, Setor Central e Campinas. Para a execução cotidiana da Mostra foi definido que uma equipe da TV UFG e do TELELAB cuidaria da projeção do documentário, da abertura para o debate e também produziria reportagens sobre cada um dos eventos que integraram o projeto.

A discussão do Jornalismo Educativo e a obtenção de instrução e prática do Jornalismo Educacional explica-se por meio dessa observação em que se visualiza a parceria entre o universo do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás e o da TV UFG. Nesse âmbito foi analisado o quanto a TV UFG e a FIC, por meio da Mostra, puderam ser um canal de criação de formas de divulgação de seus documentos visuais e históricos, de modo a informar ou difundir educação. As escolas contaram com novos elementos educacionais por meio de aparatos tecnológicos jornalísticos ou comunicacionais e houve trabalho jornalístico nesse ambiente de estudo, não só durante a exibição dos filmes, como também na realização da cobertura televisiva do evento. A análise de toda essa experiência e o que isso significou para os estudantes que participaram da Mostra é o principal pilar da presente investigação.

2.2 Significações dos estudantes sobre a Mostra e Goiânia

O que os estudantes que participaram da Mostra apreenderam sobre Goiânia faz parte do processo de articulação, essa compreendida na utilização da visualização dos documentários para que existisse-se a composição de novos percursos possíveis na educação, tendo em vista o conhecimento adquirido quanto ao contexto dos setores e da capital que os alunos pertencem. Diante disso há a necessidade de se observar o significado da Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas para os estudantes ou pessoas que empreitavam aprender mais e disponibilizam tempo para suas possíveis participações.

Anteriormente à exibição, se indagava a respeito do que era esperado ou almejado pelo telespectador quanto ao que seria visualizado na Mostra, procurava-se com essa pergunta possibilitar a existência de uma construção de uma forma de participação e exposição de opinião acerca do que poderia ser importante a esse espectador, bem como o que ele gostaria de saber por meio do que seria visto e sobre isso Arnaldo (2002, p. 442) afirma “a participação é possível, que ninguém é inatingível embora pareça que esta muito, que vale a pena escutar suas vozes e pensar no que dizem”. Logo, o comerciante Antônio Alves da Silva, morador do Setor Jardim Nova Esperança expressa sua opinião em relação a isso:

A eu espero ver coisa boa né, que toda esperança do ser humano é ver a coisa melhorar a cada dia né, e minha esperança é de ver mudança cada dia, o bairro Nova Esperança ser um bairro melhor, mas desenvolvido e *as pessoa serem felizes.*

Entretanto há que se pensar em detalhes, como por exemplo, de que não se pode pensar a Mostra como definitiva de conhecimento sobre os bairros de Goiânia, pois, segundo Arnaldo (2002, p. 448) “a mídia pode ser poderosa como fonte de informação, como influência potencial na formação das opiniões de jovens ou idosos, mas a mídia não é determinante final ou único da formação de opiniões, do desenvolvimento de valores ou do comportamento sociocultural”. Essa afirmação pode ser exemplificada segundo o que o entrevistado Nicanor Filgueira do Rego, um funcionário público do Setor Pedro Ludovico, refere quanto a uma opinião sobre a falta de mais informações no documentário durante a Mostra sobre o que para ele faz parte e seria fundamental no seu contexto histórico:

Em termos sim né, como muitos pioneiros que meu pai conhece, já falou deles, da pessoa deles como Paulo Magalhães, Mizael, Pedro Alagoano e outros mais ainda, mas faltou mostra assim aonde é que eu fui criado na

parte central do setor Pedro Ludovico né, quando eu era criança né, na parte de baixo ali, onde as ruas não tinha asfalto, era buraqueira não tinha nem carro, nós, eu menino com meus colegas na época brincava no meio das erosões e enxurradas, faltou essa parte, mas foi interessante.

De acordo com Arnaldo (2002, p. 439), que abarca a questão da mídia e educação e relata alguns dos casos de seus estudos e suas pesquisas. Essas pesquisas “[...] ilustram como as organizações de mídia e as escolas podem trabalhar juntas na educação para a mídia”. Essa ressalva pode ser confirmada com o argumento da Natalia Oliveira, uma estudante do Colégio Estadual Santa Bernadete do Setor Vila Nova que participou da Mostra e diz: “Eu achei muito essencial, por que às vezes você anda em um setor assim e não sabe qual é a verdadeira história dele e qual a luta que ele passou pra ser o que ele é hoje [...]”. Arnaldo (2002, p. 439) também explica que quanto aos seus estudos “outros mostram como a mídia pode trabalhar independentemente e ainda complementar a aprendizagem formal”, o que confirma o posicionamento de Jennyfer Cruvinel, uma estudante da Escola Municipal Frei Nazareno Confaloni do Setor Vila União:

Meu nome é Jennyfer Cruvinel eu tenho quinze anos, eu não moro aqui especificamente na Vila União mais a minha vida sempre foi rodeada aqui por perto, eu estudei no Rainha da paz, quando eu era pequena e eu estudo aqui no Confalone e eu gostei muito mesmo do documentário por que tem coisa que as vezes a gente não sabia que pessoas mais de idade e pessoas mais antigas, assim como eu vi o senhor que tinha 92 anos falando de tudo de antes, também tem partes muito interessantes e muito engraçadas e realmente da pra gente se identificar mostrando partes que a gente vai a feira de quinta feira, o campão ali, a escola, tudo.

O que pode ser acrescido da Mostra foi também o que a estudante Adria, do Colégio Estadual do Setor Jardim Novo Mundo, relata: “Eu assim eu gostei, eu achei interessante por que é bom ver a transformação do bairro, por que os pioneiros viram né, as pessoas que moraram aqui antes, achei muito legal, muito construtivo”. Sobre isso, Arnaldo (2002, p. 440) expõe que isso “[...] “é introduzir uma nova pedagogia da mídia nas escolas públicas e assim criar uma atmosfera de curiosidade, participação e paixão pelo conhecimento, tudo com a possibilidade de expressão através de vários tipos de mídia [...]”, tal como relata o estudante Marcos Vinícius Ferreira, do Colégio Estadual Jardim Guanabara do Setor Jardim Guanabara:

Ah... Achei bem interessante não sabia de quase nada aqui do Jardim Guanabara, só da regiãozinha que eu morava ali só, aí eu fiquei sabendo de um monte de coisa que eu nem sabia, o que era cerrado, esses trem assim... Foi bacana, foi legal.

Para Arnaldo (2002, p. 449) “embora pareça que a mídia seja racional e objetiva, muitos de seus efeitos derivam do uso da mídia sob formas que incitam emoções e apelam para o irracional, subjetivo e subliminar da psiquê humana”. Isso pode ser observado segundo o que afirma a estudante Milene estudante da Escola Municipal Frei Nazareno Confaloni do Setor Vila União:

Meu nome é Milene, tenho 14 anos, eu moro aqui na Vila União já faz 11 anos, então eu conheço muita gente e do documentário que vocês passaram eu achei muito interessante, pois assim eu fiquei sabendo de muitas coisas e a maioria das pessoas do documentário, eu conheço, então foi bem interessante e bem engraçado e o setor Vila União é ótimo eu já estudei ali no Rainha da Paz e depois eu vim aqui para o Confaloni até hoje e já faz uns 5 anos mais ou menos e eu gostei muito, a Vila União tem muita história boa, aqui é um setor bom, todo setor tem suas divergências mas aqui é bom e eu gostei do documentário.

Faz-se necessário também uma análise acerca do que os estudantes aprenderam sobre Goiânia, os significados podem ir além com esse tipo de experiência, pois, de acordo com Arnaldo (2002, p. 439) [...] “crianças e jovens usam e podem usar mídia para complementar aprendizagem feita na sala de aula formal”. O complemento visualizado foi uma nova forma de aprender sobre a cidade. Para Natalia Oliveira, estudante do Colégio Estadual Santa Bernadete do Setor Vila Nova, a Mostra, possibilitou um tipo de conhecimento sobre Goiânia que ela nunca conseguiria.

[...] eu sou apaixonada nas histórias do nosso país por que foram pessoas realmente muito corajosas e é uma questão de conhecimento, igual há um tempo atrás nos fizemos um trabalho sobre a história de Goiânia e sobre quem fundou e lá na internet que eu pesquisei em vários sites diferentes o assunto é só o Pedro Ludovico e não se acha nada falando do Boa Ventura, [...].

Para Júlia Freitas, estudante do Colégio Estadual Santa Bernadete do Setor Vila Nova, o aprendizado sobre Goiânia passa pela conscientização de mais informação sobre seu setor, desde o processo de inicialização e fundamentação que fez com que Goiânia fosse revitalizada.

[...] mostra que foi um bairro bem planejado pelo Pedro Ludovico, mas na verdade, as pessoas saíram da sua cidade tipo do nordeste e tal e eles tinham tudo, tinham a casa deles e eles saíram de lá, vieram até de bicicleta pra cá, um lugar que não tinha nada era só mato, igual a um senhor que falou no vídeo que tinha só pé de pequi e jumento, então eles tinham só isso e vieram pra cá, construíram suas casas e batalharam para Goiânia ser o que é hoje e não se fala, só se fala de Pedro Ludovico, então

foi bem informativo, abriu o conhecimento de todo mundo que tava aqui e eu gostei muito foi algo bem interessante.

As pessoas podem ser frequentemente tentadas a dar grande crédito ao poder da mídia, mas, deve-se pensar a situação de que o que se reflete sobre a respeito dos aspectos dessa também influencia no que ela pretende colocar. Sobre essa leitura crítica acerca do que pode ser visto por meio do audiovisual, Arnaldo (2002, p. 442) ressalta que “a integração de televisão na escola como um assunto de estudo é tão necessária quanto os textos literários e jornalísticos por que todos são “linguagens” [...] os jovens estudantes, como telespectadores, deveriam aprender a “ler” criticamente” (Grifos do autor). Quanto à visualização dos documentários da Mostra, existiu a oportunidade de uma leitura do exibido, pois, após as exposições eram feitas discussões e o que aparecia era a opinião real do estudante quanto a sua possível apreensão dessas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão feita sobre a Educação, a Comunicação e o Jornalismo mediante a experiência da Mostra Nossa História Daria um Filme nas escolas houve a consideração que o espaço de atuação do jornalista na escola foi tanto na visualização dele como um profissional habilitado para promover a aproximação necessária que deve existir entre a escola e os meios de comunicação como também um profissional que busca empreender o conhecimento. Essa habilitação existiria mediante a interface que subsiste entre a Comunicação e a Educação.

O jornalista atual precisa conhecer as pretensões da Comunicação e da Educação para estar apto a utilizar os modernos aparatos tecnológicos comunicacionais, para um avanço na área da educação, para isso ele precisa fazer análises críticas dos meios ou situações e vivências, sempre contemplando o universo da educação. Por outro lado ele pode contribuir também com sua função de abrir espaço nos meios de comunicação, para promover uma reflexão voltada para a educação na sociedade.

A forma com que os estudantes de Jornalismo participaram desta experiência, mostrou que o jornalista pode ser o elo que pode tornar possível uma aproximação entre os professores e alunos sempre conferindo competência aos professores para que esses possam incluir os estudos dos meios de comunicação social no seu projeto pedagógico, bem como os aproximar de universos de produtos audiovisuais ou quaisquer outros, nesse estudo de

caso precisamente foi o audiovisual. Durante a Mostra, se viu um ajuntamento dos estudantes para um conhecimento diferenciado sobre seus respectivos bairros: Jardim Novo Mundo, Jardim Nova Esperança, Vila Nova, Setor Pedro Ludovico, Vila União, Jardim Guanabara, Setor Central e Campinas, esses que os estudantes pertencem configurando assim um conhecimento sobre a capital de seu estado.

A diferenciação de abordagem desse conhecimento se deu tanto na forma de apreensão dos estudantes como quando houve uma aproximação da produção de televisão no ambiente escolar, o que os levou a refletir sobre as suas atribuições na elaboração de produtos midiáticos, principalmente no que tange às entrevistas que concederam à TV UFG durante a Mostra.

Neste estudo de caso observa-se um possível caminho para a realização de conceitos que se localizam no âmbito do jornalismo educativo e jornalismo educacional. Isso por que quanto ao jornalismo educativo vê-se que o jornalista esteve em sala de aula, na medida em que se viram os estudantes de jornalismo interagindo com os alunos das escolas públicas, no momento das projeções dos documentários ou nos questionamentos e debates acerca do que foi visto nos produtos midiáticos ou não e foi abarcada a questão das mudanças das comunicações pedagógicas para busca de um diferencial na educação.

Em relação ao jornalismo educacional, houve a concepção da forma de ação social da TV UFG que foi o momento em que se viu a realização de entrevistas para a veiculação do acontecido. As escolas: Colégio Estadual Bom Jesus, Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Escola Municipal Frei Demétrio Zanqueta, Colégio Estadual Santa Bernadete, Escola Municipal Frei Nazareno Confaloni, Colégio Lyceu de Goiânia, Colégio Estadual Jardim Guanabara, Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, abriram espaço para discutir e pensar na importância de meditar a educação com novos horizontes. Perspectivas essas que perpassam questões como o que seria uma televisão educativa no universo estudantil, no caso a TV UFG, ou o que seria uma parceria entre uma universidade e essas escolas, bem como o que os alunos analisariam com mais profundidade ou não em relação a sua função na educação e o seu desenvolvimento.

Logo, o que se viu foi uma experiência apresentada que aponta algumas estratégias de ação que ajudam a refletir sobre as muitas funções sociais do jornalista, mas não se constitui como uma receita passível de ser imitada ou reproduzida. Há que se refletir sobre as particularidades de cada situação. Pois, nesta pesquisa o jornalista foi visto também como alguém com potencial de aprendizagem não só quanto ao compartilhamento de

experiências como também quanto ao exercício das atividades jornalísticas que devem ser praticadas para o aperfeiçoamento do saber desse campo.

Portanto, conclui-se que, se hoje os campos do Jornalismo e da Educação ainda possuem uma tímida aproximação, seria possível que, dentro de alguns anos, essa proximidade se estreite, em virtude, principalmente, de novas dinâmicas e necessidades sociais e culturais de uma sociedade cada vez mais interdisciplinar. A respeito disso, o historiador Paul Ricoeur (2001) seria enfático ao afirmar que o passado sempre tem um futuro e que, no tempo presente, nós somos, produzimos e significamos esse futuro.

Desse modo, as discussões abordadas na presente pesquisa, são necessárias para que se compreenda e discuta a dinâmica atual do jornalismo, na qual a participação do jornalista na educação seria irrefutável. A aprendizagem desta pesquisa se encontra explicitamente acessível para ser modificada, refutada ou até solidificada, acreditando-se que o mais relevante seria o suscitar deliberações que estimulem um pensamento diferenciado a respeito da Educação e Comunicação, pensamentos esses que possam fazer jus às possíveis contribuições do Jornalismo nestes campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNALDO, C. A. Meios de Comunicação: A favor ou contra a Educação? In: CARLSSON, U.; FEILITZEN C., (Org.). **A Criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo, Cortez, UNESCO, 2002. p. 439-449.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 116 p.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é Comunicação**. São Paulo, Brasiliense, 1982. 105 p.

BORGES, R. M. R. A história que deu um filme e fomentou a memória popular, a produção televisiva universitária, o ensino e a pesquisa. In: MAIA J. F., (Org.). **Estudos Contemporâneos em Jornalismo**, Goiânia, Gráfica UFG, 2015. p.195-211.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 65 p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

KENSKI, V. M. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.29, n.104, out./nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em 5 abr. 2015.

LEANE, L. A. V. **A dimensão educativa do jornalismo**. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/JTPWULGPKEFT.pdf> . Acesso em: 7 abr. 2015

MEDITSCH, E. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2015

MONTEIRO, G. F.; GONÇALVES, G. O. **Educar ou Informar:** Dilemas do Jornalismo Educacional nos jornais de São Paulo. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Pesquisa_e_Extensao/EDUCAR_OU_INFORMAR_DILEMAS_DO_JORNALISMO_EDUCACIONAL_NOS_JORNAIS_DE_SAO_PAULO.pdf. Acesso em 1 jan. 2016.

MORAES, A. T. **Jornalismo e Educação: (Des)encontros discursivos.** Goiás: PUC Goiás, 2013. 267 p.

RICOEUR, P. O passado tinha um futuro. In: MORIN, E. (Org.). **A religião dos saberes.** O desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 377- 388 p.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, por que as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005. 247 p.